

BULLYING: UM ESTUDO EM ESCOLA PÚBLICA DE MARINGÁ

Leonardo Cheffer*
Alex Eduardo Gallo**

RESUMO: O presente estudo avaliou a frequência de ocorrência de bullying em uma escola pública da cidade de Maringá, PR, assim como caracterizou a ocorrência desse tipo específico de violência. Participaram do estudo 180 alunos, respondendo um questionário que versava sobre o bullying. Os dados obtidos indicaram que esse fenômeno é mais comum do que a escola tem conhecimento, replicando estudos internacionais. Os participantes não assumiam um único papel, intercalando-se entre vítimas, agressores e testemunhas; a maioria afirmou que o fenômeno ocorria mais de uma vez por semana. Dentre os comportamentos que podem ser considerados bullying, os alunos responderam 139 ocorrências para “apelidar”, 116 para “tirar sarro”, 81 para “humilhar”, 70 para “chutar” e 60 para “isolar os demais”. As testemunhas tenderam a sentir pena da vítima. Dentre as características da vítima, a maioria foi relacionada a deficiências, seguido por questões raciais. Poucos alunos procuraram ajuda da escola para resolver o problema, o que pode indicar falta de preparo dos profissionais em relação ao fenômeno do bullying.

PALAVRAS-CHAVE: Bullying; Escola; Violência; Comportamento Agressivo.

BULLYING: A STUDY IN A PUBLIC SCHOOL IN MARINGÁ, BRAZIL

* Discente de Especialização em Psicoterapia Comportamental e Cognitiva e Análise do Comportamento na Universidade Estadual de Maringá – UEM. E-mail: leocheffer@yahoo.com.br
** Docente do Centro Universitário de Maringá – CESUMAR. E-mail: aedgallo@yahoo.com.br

ABSTRACT: The present study evaluated the frequency of bullying in a public school in Maringá, a city in Paraná, Brazil. It also characterized the occurrence of this specific type of violence. 180 students participated in the study, answering a questionnaire about bullying. Obtained data indicated that this phenomenon is more common than what the school is aware of, replicating international studies. The participants did not assume a sole role, acting interchangeably as victims, aggressors and witnesses. Most of the participants stated that the phenomenon occurred over once a week. Among the behaviors that can be considered as bullying, the students reported 139 occurrences for “name calling”, 116 to “mocking”, 81 to “humiliating”, 70 to “kicking” and 60 to “isolating”. The witnesses tended to feel sorry for the victim. Among his/her characteristics, the victim was mostly related to deficiencies, followed by racial issues. Few students searched for help at school to solve the problem, which might indicate professional’s lack of preparation concerning the phenomenon of bullying.

KEYWORDS: Bullying; School; Violence; Aggressive Behavior.

INTRODUÇÃO

Nós últimos anos, uma das preocupações de educadores, pais e sociedade de forma geral é quanto à violência na escola. Todavia, até 1993 pouca publicação havia na área (SPOSITO, 2001), mas recentemente alguns levantamentos foram feitos em algumas cidades brasileiras (ABRAMOVAY; RUA, 2003). Dada a dimensão do assunto “violência na escola” e todas as suas facetas, é possível exemplificar algumas, como: assédio moral, depredação do patrimônio, transtorno de conduta, entre outras.

O *bullying* pode ser definido como um tipo específico de violência, que comumente é observado em escolas, mas pode ocorrer em outros locais. A característica principal que define o *bullying* é uma ação violenta intencional e repetitiva, feita contra um par, diferente do assédio moral, que pode ser cometido entre pessoas hierarquicamente

diferentes, ou seja, professor-aluno, como exemplo. O *bullying* é uma violência do tipo horizontal, pois ocorre entre pessoas do mesmo nível hierárquico, ou seja, pares, recebendo, em alguns países, outra terminologia, como *peer-to-peer aggression* (agressão entre pares).

Esse tipo de comportamento foi inicialmente estudado por Olwe (1975 apud LOPES-NETO; SAAVEDRA, 2003) em escolas, mas estudos anteriores e pioneiros foram feitos com detentos de presídios, entre os cárceres. No Brasil ainda são poucos os estudos, sendo que o estudo realizado por Lopes-Neto e Saavedra (2003), pela Associação Brasileira de Proteção da Infância e do Adolescente (ABRAPIA), foi o que se preocupou especificamente com isso. Atualmente muitos jornais têm feito matéria sobre o assunto, preocupando-se em informar a população de modo geral.

Alguns países têm se preocupado e também realizado intervenções junto às escolas como uma forma de melhorar a qualidade do ensino e, conseqüentemente, da vida dos estudantes. Em centros de referência que trabalham com violência como o *Centre for Children and Families in the Justice System* (London, ON), no Canadá, a população conta com material de auxílio, informações importantes e dicas para lidar com isso em casa.

Considerando a escassez de estudos sobre o *bullying* na realidade brasileira e, principalmente, a falta de recursos didáticos para intervir com alunos que apresentam esses comportamentos agressivos em escolas, o presente estudo teve como objetivo mapear a ocorrência do *bullying* em uma escola pública da cidade de Maringá, identificando a ocorrência e também a frequência com que esse comportamento ocorria. O estudo brasileiro realizado pela ABRAPIA encontrou um percentual de 23,7% de ocorrência de *bullying*, sendo pouco mais frequente do que em Portugal (21,9%). Contudo, não houve uma busca pelo perfil da vítima. Estudos anteriores apontaram somente os sintomas que as vítimas apresentavam (CRAIG; PEPLER; ATLAS, 2000; SOUTTER; MCKENZIE, 2000; CARNEY; MERREL, 2001; LAND, 2003). Sendo assim, o presente estudo buscou, também, encontrar o perfil da vítima.

Este estudo é preliminar, ou seja, ele pretendeu avaliar a frequência de *bullying* em uma escola pública para depois, em um segundo momento, propor, aplicar e avaliar o impacto que programas de prevenção poderiam ter em reduzir a frequência desses comportamentos. No momento, estudos que visam à implantação de estratégias de intervenção estão sendo elaborados. O presente trabalho pode vir a auxiliar a escola, pesquisadores, educadores e envolvidos a encontrar formas de analisar e intervir, de forma efetiva, para a solução dos problemas oriundos do *bullying*. Além disso, considera-se que a relevância de um trabalho dessa natureza está calcada no aumento expressivo de cenas explícitas de violência no ambiente escolar, na preocupação em transformar esse ambiente para que alcance relações saudáveis, onde a troca de experiências para a aprendizagem possa ser o menos “violenta” possível, e também na melhoria da qualidade de vida dentro do ambiente escolar, pois entende-se que a violência contribui para um sofrimento psíquico dos indivíduos envolvidos.

Para a caracterização da ocorrência e frequência do *bullying*, 180 alunos de 5ª a 8ª séries de uma escola pública de Maringá responderam a um questionário que avaliava esse comportamento agressivo.

1.1 BULLYING, O QUE É ISSO?

O *bullying*, comportamento de teor violento e coercitivo, é definido como todas as atitudes agressivas, intencionais e repetidas, que podem ter razão evidente, praticadas entre pares (LOPES-NETO; SAAVEDRA, 2003; ABRAMOVAY; RUA, 2003; LAND, 2003). Esse ato pode ser praticado por um indivíduo ou um grupo, contra uma ou várias pessoas. Tal ação pode causar dor e angústia nas vítimas que são atacadas com palavras, ações ou exclusão social (LOPES-NETO; SAAVEDRA, 2003; CARNEY; MERREL, 2001).

A interação entre pares na forma de *bullying*, isto é, a interação entre o agressor (*bullie*) e o alvo dessa agressão (vítima) estabelece uma relação entre dominante e dominado (CRAIG; PEPLER; ATLAS, 2000). Desse modo, o *bullying* se torna uma das faces da coerção e

suas implicações podem ser estudadas observando o sofrimento que é causado na vítima, tal qual observado nos estudos clássicos sobre coerção (SHARP; THOMPSON; ARORA, 2000; SIDMAN, 1995).

Uma pesquisa organizada pela ABRAPIA (Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência), no ano de 2003, tentou achar termos na língua portuguesa que reproduzissem o conceito de *bullying*. A Associação cita as seguintes atitudes que podem ser entendidas como tal: apelidar, ofender, zoar, gozar, sacanear, humilhar, intimidar, escarnar, aterrorizar, amedrontar, tiranizar, dominar, fazer sofrer, discriminar, excluir, isolar, ignorar, dar um gelo, perseguir, assediar, ameaçar, agredir, bater, chutar, empurrar, derrubar, ferir, quebrar pertences, furtar e roubar (LOPES-NETO; SAAVEDRA, 2003).

No Brasil, a pesquisa organizada pela ABRAPIA, na qual foram pesquisados 5.875 estudantes em 11 escolas, utilizou um questionário adaptado a partir do Olweus, e como resultado foi revelado que 40,5% dos alunos estavam envolvidos diretamente com o *bullying* (LOPES-NETO; SAAVEDRA, 2003).

Ainda segundo Lopes-Neto e Saavedra (2003), pode-se dividir o comportamento violento (*bullying*) em duas categorias: as ações diretas e indiretas. As diretas são aquelas dotadas de ações físicas, tais como: bater, chutar ou furtar. Logo as indiretas são as que usam da “fofoca” ou boatos para causar exclusão social, e também se enquadram nessa categoria o uso de insultos verbais ou atitudes preconceituosas.

Na Austrália, Souter e McKenzie (2000) descrevem que o *bullying* não é um comportamento determinado, não há uma certeza de quem será vítima ou *bully*, pois a oscilação entre esses papéis faz-se presente. Desse modo, o *bullying* se torna uma situação e não um comportamento específico. Tais pesquisadores ainda salientam que esse comportamento é uma atividade secreta, a qual os pais e professores muitas vezes desconhecem que ocorra.

As escolas podem ser entendidas como um espaço onde se dá a aprendizagem, que ocorre através de uma relação de troca, e historicamente a escola tem detido essa função. Ainda nos tempos atuais, a escola é o local onde a maioria da população busca o conhecimento

formal e acaba aprendendo outras coisas diversas, além da proposta pedagógica. Aprende-se a partir dessas relações, que os alunos mantêm dentro do âmbito escolar, que por diversas vezes podem ter a presença da violência (CAMACHO, 2001; ABRAMOVAY; RUA, 2003).

A escola, espaço onde são mantidas relações sociais, sejam elas as mais diversas, tais como aluno-professor e professor-direção, ou o alvo desse artigo (aluno-aluno), pode ser entendida sob diferentes perspectivas. Para Abramovay e Rua (2003), a escola é o ambiente que representa fatores tanto endógenos como exógenos, que são contingentes ao comportamento dentro da escola. Endógenos se referem a problemas que são oriundos à própria escola, e exógenos, os exteriores, tais como a cultura e a sociedade, os quais também são representados na escola, não podendo distanciar a instituição desses fatores humanos (CAMACHO, 2001).

Logo, na escola, local onde se dá essa relação de aprendizagem, há a possibilidade da ocorrência de *bullying*, por meio das relações inadequadas que se tornam passíveis de ocorrer. O *bullying* é um ato violento que pode causar sofrimento psíquico a um ou diversos indivíduos, sendo que o agressor (*bully*) pode ser uma pessoa ou um grupo, que diversas vezes não permanece em uma mesma condição, ou seja, pode ocupar, também, o papel de vítima.

Tais práticas escondidas, como o *bullying* nas escolas, têm aumentado dentre os estudantes (LOPES-NETO, 2005). Como aponta Camacho (2001), a agressão física explícita, em frente a professores e/ou pais, tem se tornado cada vez menos frequente. Contudo, conforme salienta a pesquisadora, as violências têm acontecido nas “ante-salas”, ou seja, em espaços com menos vigilância. Na questão da observação dos adultos quanto à ocorrência do *bullying*, diversas vezes pais e/ou professores não veem essa relação de agressividade. Por não apresentar tal comportamento na frente dos adultos, alguns pais e mestres desconhecem tal ação (SOUTER; MCKENZIE, 2000; CARNEY; MERREL, 2001). O trabalho da ABRAPIA aponta que o *bullying* ocorre com 60,2% mais frequência em outros lugares da escola, fora das salas de aula.

1.2 BULLIES (AGRESSORES)

Uma das características do *bullying* é o fato da violência ocorrer em uma relação desigual entre a vítima e o agressor (CARNEY; MERREL, 2001; CRAIG, PEPLER; ATLAS, 2000). Como aponta Carney e Merrel (2001), o agressor (*bully*) age diversas vezes de maneira ativa sobre a vítima, sendo menos frequente a forma passiva. Segundo o *National School Safety Center* (NSSC), apontado por Carney e Merrel (2001, p.369), “bullies veem o mundo com um olhar paranoico”. Desse modo, os agressores acham que todas as ações são voltadas a eles.

Ainda como agente agressor, pode-se salientar que, com suas ações violentas, eles tendem a usar de ações o menos perceptível possível, pois procuram se salvar de represálias dos adultos (CARNEY; MERREL, 2001). Como apontam ainda os estudos feitos por Carney e Merrel (2001), esses alunos, os *bullies*, tendenciam o uso da violência para a resolução de problemas e de maneira geral têm uma necessidade forte de dominar os outros.

Segundo o NSSC, citado por Carney e Merrel (2001), os meninos apresentam maior frequência no uso do *bullying* do que as meninas. Na pesquisa realizada pela ABRAPIA, citada anteriormente, a proporção é de 2,3 meninos para uma menina. Contudo, algumas discrepâncias acerca do gênero se apresentam: no caso das meninas, há a utilização de atos de *bullying* mais amenos, como a exclusão social ou mesmo os ataques indiretos, como a fofoca e a manipulação de amigos para atingir a vítima (OLWEUS, 1997 apud CARNEY; MERREL, 2001; KAUFFMAN, 2001). Já os meninos tendem a usar a agressão física, contrapondo-se ao tipo de *bullying* executado pelas meninas, que, segundo pesquisas do NSSC (1995), ocorrem em uma proporção de três para quatro episódios de violência direta, quando comparado à indireta.

Stephenson e Smith (2003 apud LOPES-NETO; SAAVEDRA, 2003), afirmam que se pode dividir os autores de *bullying* em três tipos: o confiante ou presunçoso (é mais forte que os demais, popular entre os alunos e apresenta bastante confiança), o ansioso (fraco fisicamente, baixa capacidade de concentração e não tem popularidade)

e o vítima-agressor (que oscila entre vítima e agressor). O mesmo é apontado por Souter e McKenzie (2000). Os autores tendem a pertencer, em média, a pequenos grupos, e o uso de recompensa para que não ataquem as vítimas é utilizado pelos agressores.

No primeiro tipo apontado por Lopes-Neto e Saavedra (2003), hipóteses acerca desses “valentões”, como o senso de inadequação ou ansiedade, foram demonstradas como sendo verdadeiras (CARNEY; MERREL, 2001), e dessa forma ele(a) tende a compensar essa disparidade em atitudes agressivas com outros. O estudo mostrou altos índices de ansiedade e insegurança. Do ponto de vista dos agressores, notamos que eles justificam suas atitudes para se sentirem bem, acreditando que estavam sendo sensatos, afirmando que eram provocados pela vítima ou que não tiveram alternativas (CARNEY; MERREL, 2001), sendo que essa explicação dos agressores foi observada em um estudo anterior, pelo fato de que 12% dos *bullies* achavam que as vítimas mereciam o castigo (LOPES-NETO; SAAVEDRA, 2003).

Na pesquisa realizada no Brasil pela ABRAPIA, somente 23,4% admitiu a autoria do *bullying*. Fazendo uma correlação com o sentimento pós-execução do ato violento, 20,9% dos alunos-autores demonstraram sentimentos similares a arrependimento (“me senti mal e senti pena”), mas a maioria (79,1%) aprovou o comportamento que executaram.

Pesquisas em longo prazo demonstram que os autores, *bullies*, têm uma tendência ao uso de drogas e álcool (BERTHOLD; HOOVER, 2000; GALLO, 2006). Como demonstrado por outras pesquisas, o uso de drogas e álcool são fatores de risco que influenciam diretamente uma postura futura de delinquência (GALLO; WILLIAMS, 2008).

1.3 VÍTIMAS

Como alvo de tais atos violentos, as vítimas podem ser classificadas em dois tipos: as submissas e as provocativas (BERTHOLD; HOOVER, 2000; CARNEY; MERREL, 2001). As vítimas provocativas são as mais atípicas, podendo, em alguns casos, apresentar problemas de atenção e podem ser hiperativas (CARNEY; MERREL, 2001).

Ainda no caso das vítimas provocativas, outros dados são levantados por Carney e Merrel (2001), como o fato dessas vítimas provocarem reações negativas em alguns alunos ou de toda uma sala de aula. Também se irritam facilmente, frustram-se de maneira mais frequente e acabam utilizando dessa combinação de ansiedade e reações agressivas para com seus pares.

Já as vítimas submissas se caracterizam como o estereótipo da vítima, ou seja, o alvo (CARNEY; MERREL, 2001). Ao serem atacadas, elas tendem a fugir da presença de outros ou mesmo chorar. Como vítimas de coerção, as implicações, como a fuga, são esperadas, assim como a esquiva, sendo presente ainda a supressão condicionada (ficar imóvel) ou uma resposta emocional (o choro), como apontado por Sidman (1995).

Pesquisas em longo prazo demonstram sérios acometimentos na vida da vítima, tais como: dificuldade em estabelecer relações sexuais, depressão, baixa autoestima e baixa competência social (LAND, 2003; BERTHOLD; HOOVER, 2000; SHARP; THOMPSON; ARORA, 2000; CARNEY; MERREL, 2001). Esses autores ainda relatam que as vítimas, em um grau máximo de sofrimento, suicidam-se ou mesmo assassinam amigos na escola, como foi o caso da escola Columbine, no ano de 1999, em que jovens vítimas do *bullying* na escola mataram 11 pessoas com armas de fogo e depois se suicidaram.

1.4 TESTEMUNHAS

Pouco foi pesquisado acerca das testemunhas do *bullying*. Na pesquisa realizada por Lopes-Neto e Saavedra (2003), eles denominam por testemunhas aqueles alunos que se negaram ser tanto autores como alvos, e isso representou 3.154 estudantes ou 56,7% do universo.

Nessa pesquisa, os alunos-testemunhas demonstravam alguns atos corriqueiros diante da violência, tais como se calar, em virtude de futuramente poderem ser punidos, ou ainda, não interferir, pois não sabiam como agir diante do ato violento (LOPES-NETO; SAAVEDRA, 2003). Outros sentimentos desses alunos-testemunhas, apontados por

Lopes-Neto e Saavedra (2003), foram “sentir pena” e “sentir-se mal”, aparecendo como os sentimentos mais frequentemente relatados (33% e 26%, respectivamente).

O fato dos alunos-testemunhas estarem no mesmo lugar que os agressores, a escola, faz com que os primeiros tentem uma autopreservação (LOPES-NETO; SAAVEDRA, 2003). O desligar-se, tanto se calando como não prestando auxílio à vítima durante o ato, pode ser entendido como ato de fuga do agente punidor (SIDMAN, 1995). Dados coletados por Lopes-Neto e Saavedra (2003) mostram que alguns alunos acham legítimas as práticas do *bullying* para conquistar popularidade ou respeito entre os colegas. A falta de modelos saudáveis faz com que haja um aprendizado “vicariante”, ou seja, aprendizado dado por modelação de forma acidental (CABALLO, 1993) do *bullying*.

Ao se considerar a perspectiva da análise do comportamento para estudar o ato de violência entre pares (*bullying*), seria possível basear-se na obra intitulada “Coerção e suas implicações”, de Sidman (1995), o que permitiria melhor análise da relação entre agressor e vítima.

Na relação autor e alvo, a punição é o instrumento que norteará a relação deles. O uso da punição faz com que o agente punidor adquira potencial punitivo, igual à punição em si, por pareamento. Desse modo, o bullie torna-se um agente punidor, se assemelhando então às características do próprio estímulo aversivo, ou seja, o ato de violência em si (SIDMAN, 1995).

Assim, a vítima busca as alternativas comportamentais para resistir a este estímulo aversivo, tais como a fuga e a esquiva (SIDMAN, 1995). No caso da esquiva, “o evitar” certas ações que serão punidas é um instrumento utilizado (não passar pelo corredor que o agressor está ou mesmo dar seu lanche para que não seja punido). Ao enfocar a fuga, como demonstração máxima tem-se a evasão da escola (LAND, 2003). Desse modo a demonstração de tais comportamentos pode evidenciar uma vítima do *bullying*.

Todavia, se observados alguns casos de *bullying*, principalmente em grupo, nota-se que o mentor desse grupo é o principal agressor e os demais, como uma forma de contracontrole, ficam ao seu lado para evitar uma punição (SIDMAN, 1995).

O bullying é observado em todo mundo. Estudos mostram sua ocorrência na Escandinávia, Japão, Espanha, Portugal, Canadá e outros países (SOUTTER; MCKENZIE, 2000; CARNEY; MERREL, 2001; LAND, 2003). Em estudo feito no Brasil foi encontrado o comportamento em escolas do Rio de Janeiro (LOPES-NETO; SAAVEDRA, 2003).

2 MÉTODO

2.1 PARTICIPANTES

Participaram do estudo 180 estudantes que cursavam da 5^a à 8^a série do Ensino Fundamental em uma escola pública da cidade de Maringá-PR, com idade média de 12,7 anos, sendo 49% do sexo feminino e 51% do masculino, não havendo diferença estatística entre a proporção de crianças do sexo masculino e feminino.

2.2 INSTRUMENTO

Foi utilizado um questionário composto em 4 laudas, sendo a primeira com instruções gerais aos participantes e um quadro com os sinônimos que a ABRAPIA encontrou na língua portuguesa para o *bullying*. Posteriormente, uma identificação de sexo, idade e série e 13 questões sobre o *bullying*.

2.3 PROCEDIMENTOS

Os questionários foram aplicados durante uma semana, nos intervalos de aulas, pela coordenação e direção da escola, que previamente foram instruídos de como deveria ser aplicado o instrumento.

3 RESULTADOS

Dentre os dados gerais obtidos, 90% dos estudantes sabiam o que era bullying. Para tanto, foram levadas em conta a resposta de: “Sim,

eu sei o que é o bullying” (67%) e “Sim, entendo parcialmente” (23%). Aos participantes que conheciam o que era bullying, foi solicitado, no questionário, para se autoidentificarem como Testemunha, Vítima ou Praticante de bullying. Segue abaixo a Tabela 1 com a distribuição das respostas.

Tabela 1. Tipos de papéis assumidos pelos participantes

Tipo de papel	Participantes	Porcentagem
Testemunha / Vítima / Agressor	27	16
Testemunha / Vítima	26	15
Testemunha / Agressor	4	2
Vítima / Agressor	7	4
Agressor	12	7
Vítima	31	18
Testemunha	63	38
Total	170	100

Nota-se que a maior porcentagem foi de testemunhas (38%), sendo inferior à porcentagem encontrada no estudo realizado pela ABRAPIA, que foi de 57,5%. As vítimas representaram a segunda categoria mais frequente (18%), o que não é estatisticamente diferente da frequência de testemunha/vítima/agressor (16%) e testemunha/vítima (15%). Observa-se então que as vítimas representaram a segunda categoria mais frequente, assim como no estudo da ABRAPIA (16,9%). É importante mencionar que os participantes não assumiram um único papel, isto é, podiam assumir os três papéis, sendo vítimas, testemunhas e agressores, o que neste estudo correspondeu a 16%.

Pontua-se aqui que o *bullying* é um “comportamento”, como já mencionado, ou seja, não há um forma de agressor ou vítima clássica, mas sim a relação entre pares que passa a ser feita de forma coercitiva ou violenta, como demonstram os dados coletados: 18% identificaram-se nos três papéis.

Também observou-se, por meio dos dados obtidos na pesquisa, alta frequência de testemunhas e vítimas envolvidas no comportamento estudado. Elas são afetadas diretamente pela agressão, experimen-

tando sofrimento. Segundo Sidman (1995), a escola pode se tornar o próprio estímulo aversivo ou coercitivo para os alunos testemunhas e vítimas. Em decorrência desse fato, os alunos podem se esquivar, fugir ou contracontrolar. A esQUIVA no ambiente escolar pode ser verificada com a permanência em sala no intervalo, ou seja, evita-se a punição dos *bullies*. Já a fuga pode ser evidenciada na evasão escolar e o contracontrole, que é uma forma de controlar um agente punitivo, ou seja, o aluno pode tornar-se um agressor a fim de cessar com as punições vindas do *bullie*, caracterizados pela literatura como agressores passivos (CARNEY; MERREL, 2001).

Em relação à frequência de ocorrência do bullying, 122 estudantes afirmaram que ocorre mais de uma vez por semana (68%) e 41, que ocorre uma vez por semana (32%). Os dados mostraram que há uma alta ocorrência do *bullying* dentro da escola, ou seja, os comportamentos não ocorrem de maneira ocasional, mas sim de maneira frequente e consistente.

A Figura 1 apresenta a frequência dos tipos de *bullying* mencionados pelos participantes. Vale ressaltar que cada participante podia marcar mais de um tipo de comportamento.

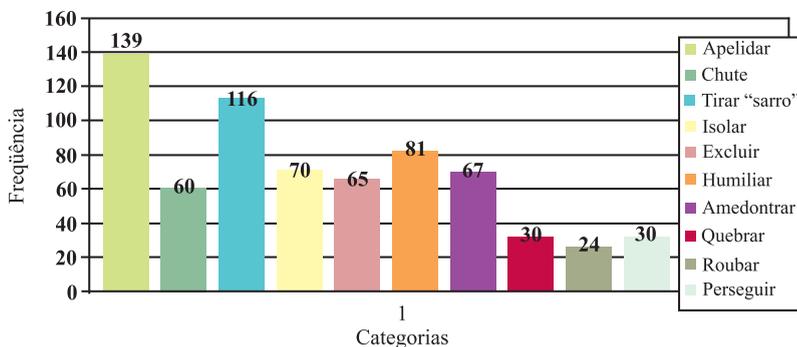


Figura 1. Frequência dos tipos de *bullying* mencionados pelos participantes

Em relação aos comportamentos considerados *bullying*, as categorias em ordem de frequência, mencionadas pelos participantes, foram: apelidar (139 ocorrências), tirar sarro (116), humilhar (81), chutar

(70), amedrontar (67), excluir (65), isolar (60), quebrar (30), perseguir (30) e roubar (24).

A população em geral respondeu que tipo de *bullying* eles viam com mais frequência, sendo que os indiretos apresentaram um percentual de 84% (Figura 1), replicando pesquisas já realizadas (CAMACHO, 2001; CARNEY; MERREL, 2001; LAND, 2003). Comparando-se esses dados de *bullying* indireto com os dados obtidos por Lopes-Neto e Saavedra (2003), que mostraram um índice de 79,2%, não há diferença significativa entre os estudos. A pesquisa atual também replicou que o ato de apelidar foi o mais frequente.

Com relação ao sentimento da testemunha após ver o ato ser cometido, o maior relato foi o de ficar com pena da vítima, replicando Lopes Neto e Saavedra (2003), como se pode observar na Tabela 2.

Tabela 2. Reações das testemunhas

Reação da testemunha	Frequência	Porcentagem
Ficaram com pena da vítima	60	31
Sentiram-se mal	46	24
Medo que acontecesse com eles	32	17
Nada	24	13
Ficaram tristes	12	6
Fingiram que não viram	12	6
Ficou com pena do agressor	4	2
Sentiram-se bem	2	1

Pode-se inferir que o fato de “sentir pena da vítima”, relatado pelas testemunhas, é um indicador de como o *bullying* é violento não somente para os alvos ou agressores, mas também para quem o presencia.

Ainda através dos relatos das testemunhas, procurou-se traçar um perfil do alvo, ou seja, algo em comum entre eles. A Figura 2 apresenta as características das vítimas observadas pelas testemunhas.

A Figura 2 mostra que os aspectos relacionados ao físico, tais como ser gordo, usar óculos e aspectos relacionados à deficiência física, tiveram a maior frequência (67 ocorrências). A segunda categoria mais frequente (50 ocorrências) é aquela relacionada à cor (ser negro),

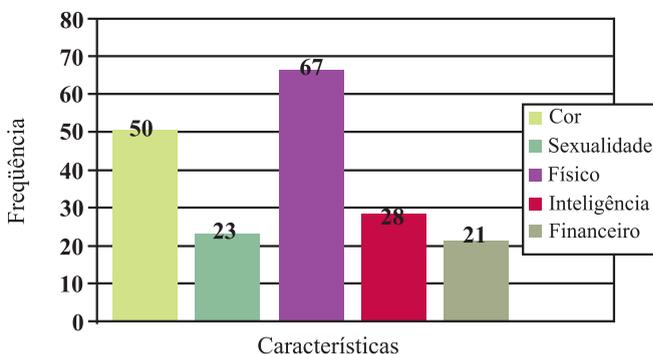


Figura 2. Características das vítimas observadas pelas testemunhas.

seguida por 28 ocorrências relacionadas à inteligência (ser burro ou inteligente demais), 23 sobre sexualidade (ser homossexual ou “bis-cate”) e 21 em relação à condição financeira (ser rico ou pobre). Em outros estudos sobre violência em escolas, foram apontadas as mesmas categorias (CAMACHO, 2001), contudo, deve-se ressaltar que a categoria com maior frequência é a mais ampla, ou seja, detém maior número de características. Os relatos concernentes ao racismo também são observados na mesma questão.

Ao questionar a testemunha sobre os motivos que acredita ter levado o *bully* a cometer a ação, 40% responderam que foi por brincadeira. Os demais motivos são apresentados na Tabela 3.

Tabela 3. Motivo do bullying segundo as testemunhas

Motivos	Frequência	Porcentagem
Brincadeira	85	40
Maldade	46	22
Porque os agressores são mais fortes	43	21
Porque os agressores são provocados	20	10
Porque as vítimas mereciam castigo	9	4
Outros motivos	6	3

As testemunhas relatam (com frequência) que o agressor comete o ato por brincadeira, contradizendo o fato de ficarem com pena da vítima (Tabela 1). Futuros estudos poderão melhor responder esta questão.

Ao se considerar as vítimas; perguntou-se por quantas pessoas eles eram atacados com uso do *bullying*. A Tabela 4 mostra a distribuição das vítimas e o número de *bullies*.

Tabela 4. Quantas pessoas cometeram *bullying* contra você

Nº. de agressores	Frequência	Porcentagem
Principalmente 1	8	9
2 a 3 pessoas	39	45
4 a 9 pessoas	1	1
Mais de 9 pessoas	2	2
Não souberam responder	37	43

A partir dos dados acima, pode-se afirmar que as vítimas são atacadas por duas a três pessoas, não sendo a diferença significativa dos que não souberam dizer por quantos. Isso pode indicar o fato do *bullying* acontecer em grupos.

Ainda sobre as vítimas, estas relatam que sentem raiva após terem sido vitimizadas. A Figura 3 ilustra a distribuição de vítimas e os sentimentos admitidos após o *bullying*.

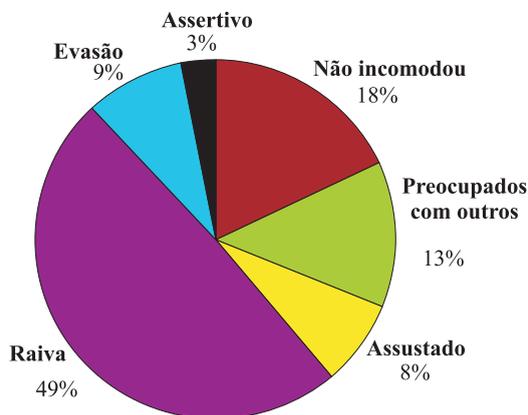


Figura 3. Sentimentos admitidos pelas vítimas.

Em segundo lugar aparece a categoria “não se incomodar”. Pode-se, mais uma vez, inferir que essas vítimas não respondem a um

estímulo aversivo por terem se “acostumado” com o mesmo, numa tentativa eficaz de esquiva.

Uma outra questão levantada junto às vítimas diz respeito a fato delas procurarem ajuda. Não houve uma diferença significativa entre os dados obtidos. Os dados mostram que, quando buscavam auxílio, recorriam aos pais ou colegas. Na Tabela 5 estão relacionadas as pessoas às quais as vítimas pediram ajuda.

Tabela 5. Para quem as vítimas pediram ajuda.

Pessoas	Porcentagem
Pais	36
Colegas	33
Professores	19
Funcionários da escola	12

A pouca procura por professores e outros funcionários da escola pode demonstrar, talvez, uma ineficácia do sistema educacional para lidar com tais práticas nos ambientes escolares.

Ao focar os agressores, foi questionado o motivo que os levaram a cometer o bullying, sendo que os dados obtidos são apresentados na Figura 4.

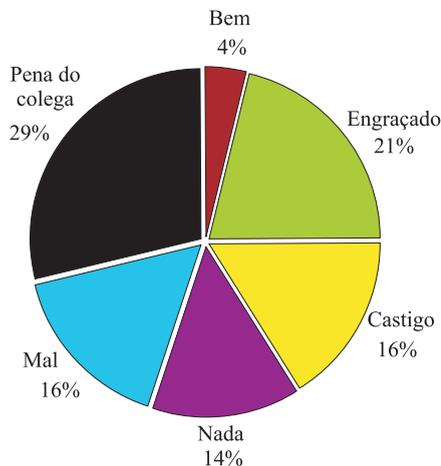


Figura 4. Sentimentos admitidos pelos bullies após ter cometido o bullying.

Foram obtidos relatos dos agressores. Em sua maioria ou sentiram pena da vítima (29%) ou acharam engraçado após cometer o ato (21%). O fato de acharem engraçado foi evidenciado por Lopes Neto e Saavedra (2003), todavia o sentir pena da vítima é um dado novo que deve ser mais pesquisado.

Os agressores também relataram que são advertidos (54%), com maior frequência, pelos colegas (47%). A Tabela 6 nos mostra a relação percentual de quem advertiu o agressor.

Tabela 6. Pessoa que advertiu o *bully*

Pessoa que advertiu	Porcentagem
Escola	47
Colegas	31
Pais	22

Os dados da Tabela 6 mostram que diversas vezes a escola e os pais nem sabem que esse tipo de comportamento está ocorrendo no ambiente escolar, sendo uma prática secreta ou encoberta (SOUTTER; MCKENZIE, 2000; CAMACHO, 2001).

4 CONCLUSÃO

Com base nos resultados, pode-se sugerir que o *bullying* representa um assunto que vem aparecendo com maior frequência na mídia brasileira, visto a quantidade de reportagens, embora discussões públicas sobre o assunto sejam raras. A pouca literatura disponível em português e outras pesquisas na área de violência não instrumentalizam os profissionais que convivem com isso em sala de aula.

Em Maringá – PR, os dados obtidos referentes ao racismo e à exclusão dos deficientes põem em questão se a escola trabalha com a diversidade que tanto se prega, mas que pouco se pratica.

Ainda em relação à população estudada, evidencia-se que a escola muitas vezes desconhece tal prática ou não adverte quando observa a agressão entre pares. Um levantamento junto aos professores, direção

e funcionários seria necessário para determinar se há uma compreensão do fenômeno e suas implicações.

Neste estudo foi possível verificar que há ocorrência do bullying e que 10% das vítimas pensaram em abandonar a escola. Observa-se que o fenômeno está relacionado à evasão escolar.

A partir dos relatos das testemunhas foi possível determinar um perfil da vítima. As características gerais são aspectos físicos desviantes, ressaltando o racismo, que teve expressiva frequência. Uma intervenção nessa escola poderia se pautar nos aspectos de trabalhar com a diversidade.

De modo geral, os resultados indicaram que quase a totalidade dos alunos sabia o que era *bullying*, sendo que eles eram, na maioria das vezes, testemunhas do ato violento. O fenômeno ocorria com grande frequência (mais de uma vez por semana), sendo o tipo indireto o mais comum (apelidar, tirar sarro), mas o tipo direto também ocorria com relativa frequência (chutar).

As testemunhas relataram sentir pena da vítima do *bullying*, enquanto as vítimas sentiam raiva pela agressão, que ocorria em função de aspectos físicos, como etnia e diferenças físicas.

Estudos que avaliam a percepção dos professores sobre o *bullying* estão sendo conduzidos, mas dados preliminares apontam que a maioria dos professores não reconhece os comportamentos que observam como sendo *bullying*, acreditando se tratar de brincadeira entre os alunos, o que indica a falta de preparo dos profissionais de educação para lidar com essa questão.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam; RUA, Maria G. **Violência nas Escolas**. Brasília, DF: UNESCO, 2003.

BETHOLD, Karen A.; HOOVER, John H. **Correlates of Bullying and Victimization among Intermediate Students in the Midwestern USA**. Grand Forks: School Psychology International, 2000.

CABALLO, Vicente E. **Manual de Evaluación y entrenamiento de las habilidades sociales**. Madrid: Siglo Vienteuno España Editores, 1993.

CAMACHO, Luiza M. Y. As sutilezas das faces da violência nas práticas escolares de adolescente. **Educação e Pesquisa**, v. 27, n. 1, p. 123-140, 2001.

CARNEY, Amy G.; MERREL, Kenneth W. **Bullying in Schools: perspective on Understanding and Preventing an International Problem**. Iowa City: School Psychology International, 2001.

CRAIG, Wendy M.; PEPLER, Debra; ATLAS, Rona. **Observations of Bullying in the Playground and in Classroom**. Ontario: School Psychology International, 2000.

GALLO, Alex E. **Adolescentes em conflito com a lei: Perfil e intervenção**. 2006. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2006.

GALLO, Alex E; WILLIAMS, Lucia C. A. A escola como fator de proteção à conduta infracional de adolescentes. **Cadernos de Pesquisa**, v. 38, n. 133, p. 41-59, 2008.

KAUFFMAN, John M. **Characteristics of emotional and behavioral disorders of children and youth**. Upper Saddle River, NJ: Merrill Prentice Hall, 2001.

LAND, Deborah. **Teasing Apart Secondary Students: Conceptualizations of Peer Teasing, Bullying and Sexual Harassment**. Baltimore: School Psychology International Copyright, 2003.

LOPES-NETO, Aramis A.; SAAVEDRA, Lucia H. **Diga não ao Bullying!**: Programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes. Rio de Janeiro: ABRAPIA, 2003.

LOPES-NETO, Aramis A. Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal de Pediatria**, v. 81, n. 5, p. S164-S172, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0021-75572005000700006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 14 jul. 2009.

SHARP, Sonia; THOMPSON, David; ARORA, Tiny. **How long before it?** An Investigation into Long-Term Bullying. Buckinghamshire: School Psychology International Copyright, 2000.

SIDMAN, Murray. **Coerção e suas implicações**. Campinas, SP: Editorial Psy, 1995.

SOUTTER, Alisson; McKENZIE, Anne. **The Use Effects of Anti-Bullying and Anti-Harassment Policies in Australian Schools**. Ryde: School Psychology International Copyright, 2000.

SPOSITO, Marília Pontes. Um breve balanço da violência escolar no Brasil. **Educação e Pesquisa**, v. 27, n. 1, p. 87-103, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022001000100007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 14 jul. 2009.

Recebido em: 15 Julho 2008

Aceito em: 01 Junho 2009